

## Prefácio

A Grande Guerra foi a maior operação militar no exterior em que participaram tropas portuguesas durante a primeira metade do século XX. Portugal foi o único país envolvido no conflito que, entre 1914 e 1916, conseguiu manter uma posição de neutralidade não declarada na Europa e travar, simultaneamente, uma guerra em África contra a Alemanha.

No final de 1914 os Açores tinham esboçado uma tímida tentativa de mobilização militar, rapidamente, travada por falta de fundos, de quartéis, de equipamentos; o Ministério da Guerra não previa o envio de tropas expedicionárias para as Ilhas. O território português e o Atlântico em particular ganharam importância, à medida que esta rede de comunicações via cabo submarino britânica se complexificou. Neste contexto, os Açores surgiam como um ponto de apoio intermédio entre a Europa e a América. A internacionalização do arquipélago surgira, justamente, após a ligação do arquipélago à rede mundial de comunicações por cabo.

Portugal acabaria por entrar em Guerra a 9 de março de 1916, na sequência da declaração de guerra que a Alemanha lhe dirigiu em resposta ao aprisionamento de navios alemães e austríacos surtos em portos portugueses. Na sequência desta declaração de guerra passariam a estar concentrados, no forte de São João Baptista, na ilha Terceira, todos os alemães residentes em território nacional, com idades compreendidas entre os 16 e os 45 anos de idade. Mas seria o ataque à cidade do Funchal, em dezembro de 1916, quem colocaria, na ordem do dia, novamente, todos os receios que o Ministério da Guerra vinha apresentando desde 1914: as ilhas eram alvos muito apetecíveis à marinha alemã e não se encontravam devidamente defendidas apesar do parco, antiquado material de guerra entretanto recebido.

A escassez de produtos alimentares tornara-se uma constante, ao longo de todo este período, exportando-se bens de primeira necessidade (cereais, carne) para o continente, em detrimento dos residentes no arquipélago. A guerra submarina tinha afastado as embarcações, originando a subida dos preços dos fretes e dos seguros de guerra, tornando escassa a existência de

fósforos, tecidos ou moeda miúda. Tabelaram-se géneros e perseguiram-se açambarcadores.

Os textos que agora se publicam analisam a relação do Atlântico, com particular ênfase nos Açores, no complexo apoio logístico aos beligerantes, independentemente de o palco de guerra ser europeu ou colonial, bem como as múltiplas dinâmicas envolvidas, fossem elas de natureza política, económica, ideológica ou geográfica. De igual modo procuram, ainda, sublinhar os impactos provocados pela gripe pneumónica e valorizar e dignificar não só a memória dos atuantes como o Património material, e imaterial, bem como a criação de uma base naval norte-americana nos Açores.

Julho de 2019,

Ana Paula Pires  
Rita Nunes  
Sérgio Rezendes